



Yankee Doodle, *Item 26.*

"These words dropped into my childish mind as if you should accidentally drop a ring into a deep well. I did not think of them much at the time, but there came a day in my life when the ring was fished up out of the well, good as new."

Harriet Beecher Stowe

A chamada literatura infantil, apesar de ter sido durante muito tempo marginalizada em relação à literatura em geral, é uma área susceptível de estudo cujo interesse aumenta à medida que sobre ela se aprofunda a investigação a todos os níveis.

Devido à especificidade do seu público leitor e às características dos textos, este tipo de literatura tem também uma função marcadamente formativa pois da sua leitura podem resultar experiências e emoções que são sentidas quando todo o ser das crianças está em actividade e os seus diversos elementos convergem para uma relação harmoniosa. A leitura pode corresponder a momentos durante os quais as crianças têm a sensação de viver intensamente e que lhes deixam uma recordação inolvidável integrando-se, assim, na história pessoal do jovem leitor como um ou vários episódios que nela podem vir a ter grande importância.

Situo-me entre os investigadores e estudiosos que desde cedo se sentiram atraídos por este tema aliciante. No meu caso, essa atracção iniciou-se provavelmente desde que ouvi as primeiras canções de embalar ou quando comecei a ler contos de fadas. Teve continuidade, mais tarde, quando inventei histórias para os meus filhos, realizando, assim, as primeiras investigações práticas, e me pude aperceber da importância e

do impacto da literatura infantil na formação das crianças. O aprofundamento da investigação levou a que publicasse uma *História da Literatura Infantil Portuguesa*, a que escolhesse *Treasure Island* de Robert Louis Stevenson para tema do meu trabalho complementar de doutoramento e, mais tarde, a que ensinasse um Seminário sobre Literatura Infantil num curso de Mestrado.

Pode afirmar-se, com efeito, que a literatura infantil, tal como toda a arte e a literatura, contribui para a formação do Homem. São os artistas – e neste caso, os escritores – através das suas experiências de vida, de um modo ou de outro por eles intensificadas, quem multiplica a própria participação cultural dos seus leitores. Ao pensar na filosofia da arte, verifica-se que esta consiste em restabelecer a continuidade entre as formas mais refinadas e intensas da experiência, que são as obras de arte, e os acontecimentos da vida quotidiana.

O notável pensador americano John Dewey, na sua obra *Art as Experience* (1934), refere-se ao facto de, hoje em dia, a arte estar separada das realidades da vida e "encerrada" em museus e galerias. Segundo ele, tal separação falseia a natureza da arte. A este propósito afirma que a contemplação das produções artísticas e a emoção que dela resulta são experiências com significado e valor. Nesta perspectiva, pode afirmar-se que uma obra de literatura infantil, desde que tenha valor estético, pode contribuir para uma das referidas experiências da arte.

Para Dewey, a arte é uma das formas de relação entre o Homem e o Mundo. Ao contemplar uma obra de arte – ou, no caso em análise, ao ler um livro destinado às crianças e jovens – apercebemo-nos do trabalho criador do artista e este contribui para a nossa experiência estética. A própria criação artística influi na forma e na qualidade de uma obra de arte e distingue-a de um objecto produzido de modo automático ou mecânico. Daí o valor do meio expressivo da arte e também uma das

explicações para a perenidade de obras como *Alice no País das Maravilhas* ou *As Viagens de Gulliver*. Apenas as obras sem valor ou originalidade são transitórias e triviais.

É justamente no campo daquilo que a arte representa no âmbito da cultura que se pode concluir que o papel da literatura infantil pode ser fundamental sobretudo para as gerações vindouras pois, através desse tipo de literatura, as percepções estéticas e artísticas das crianças podem fazer parte da sua vida diária. Na realidade, os escritores, como todos os outros artistas, têm de elaborar os seus meios expressivos a partir da matéria prima que encontram no mundo. São eles que idealizam as qualidades que se encontram na experiência comum. Os bons livros infantis são meios através dos quais, os pequenos leitores, devido ao desenvolvimento da imaginação e às emoções que a leitura neles provoca, estabelecem formas de relação e de participação no mundo bastante diferentes das suas.

Por outro lado, a cultura colectiva – os *topoi* gerais, na designação de Boaventura Sousa Santos em *Towards a New Common Sense-Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition* (1995) – tem influência sobre a criação e a apreciação das obras literárias. Este é um dos motivos pelos quais essa apreciação se altera ao longo do tempo até para a mesma pessoa. A este propósito, justifica-se a afirmação de que as artes que florescem num país – e, obviamente, o nível da sua literatura infantil – são uma medida reveladora da qualidade da cultura do seu povo.

Como é do conhecimento comum, é irrefutável que a literatura, tal como a arte em geral, pode actuar como um meio incomparável de educação. Porém, essa educação deve satisfazer os anseios e tocar as emoções dos indivíduos e nunca excluir o desenvolvimento da sua imaginação. São múltiplos os pensadores que se debruçaram sobre este assunto. Entre eles destaco Shelley, o poeta romântico inglês, que considerava a imaginação como o principal instrumento do Bem e, na mesma linha de

pensamento, o nosso Teixeira de Pascoais, que, com a sua alma receptiva, afirmava: "Não se olha impunemente um lírio...".

Ao falarmos da relação entre arte e vida, ocorrem também as afirmações de *Sir* Herbert Read, que, no ensaio "Art and Life", se refere ao facto de, hoje em dia, a beleza ter deixado de ser o ideal da civilização tecnológica que a substituiu pelo interesse pela produtividade e também as opiniões de Simone Weil que considera o dinheiro, a mecanização e a álgebra os três monstros da civilização moderna. Read aborda ainda o problema da violência ao referir-se às mudanças básicas na actividade humana que afectam o comportamento moral e à explosão das energias não utilizadas.

A propósito da questão da violência, também ela tão candente quando se fala em literatura infantil, já Tolstoi no século XIX, ao responder à pergunta "Para que serve a Arte?", declara que ela contribui para a evolução dos sentimentos e afirma que a arte, e apenas a arte, poderá fazer desaparecer a violência. Para o famoso romancista russo – como já antes para Platão – a arte não é um ornamento que se acrescenta à vida, é "um prazer, uma consolação ou um divertimento. A arte é um órgão da vida humana que transmite a percepção racional do homem ao seu sentir." Já mais próximo de nós, também o romancista norte-americano Saul Bellow, tal como os pensadores anteriormente referidos, se interessou por estas questões que se relacionam com a literatura infantil universal. No seu conhecido ensaio "Literature in the Age of Technology" fala da luta entre a velha arte e a nova tecnologia e refere-se à necessidade que temos, hoje em dia, da criatividade do artista, pois apenas ela nos pode afastar de guerras criminosas. Saul Bellow fala também do declínio da imaginação e do facto de ser perigoso para a nossa sanidade negar a criança que existe dentro de cada um de nós.

Ao referir-se aos perigos inerentes à civilização tecnológica, Bellow termina o seu ensaio com um grito optimista e de

esperança ao afirmar que confia na capacidade que os seres humanos sempre tiveram de contar histórias uns aos outros, obedecendo a um impulso natural de contar e de ouvir. Pensa ele que nem a ciência nem a tecnologia jamais conseguirão despojar a alma humana desta estranheza cativante nem das suas conseqüentes narrativas. A atitude esperançosa de Saul Bellow revela bem a importância que a literatura infantil tem no mundo de hoje.

Com efeito, ela pode ajudar as crianças e os jovens a crescerem, a tornarem-se adultos sem perderem o contacto íntimo com toda a riqueza interior que têm na infância e sem se tornarem adultos desiludidos e cínicos. Para que assim suceda é necessário que na literatura que lhes for destinada haja um equilíbrio entre a fantasia e a razão, entre o maravilhoso e as referências ao mundo real. Esse equilíbrio irá libertar as crianças de um sentimentalismo exagerado e também de sofrerem grandes desilusões quando enfrentarem o mundo dos adultos, mantendo, contudo, dentro de si aquilo que alguns designaram como "a eterna criança".

Charles Dickens, o grande escritor inglês que produziu algumas das mais belas histórias que ainda hoje deliciam as crianças de todo o mundo, afirmava que era a literatura infantil que nos mantinha jovens preservando na nossa maneira de ser um espaço que não era atacado por ervas daninhas e onde nós podíamos caminhar com as crianças partilhando o seu encantamento.

Creio que, na nossa época cada vez mais utilitária, é fundamental que a literatura infantil continue a ser apreciada e, por muito pouco importantes que possam parecer as obras destinadas aos pequenos leitores, elas têm uma missão a realizar pois, citando de novo Dickens: "Uma nação sem fantasia não poderá jamais ocupar um lugar de relevo no mundo".

Mesmo os que pensam de forma derrotista e que afirmam que o nosso mundo se está a tornar inabitável, deveriam concluir

que, sendo assim, cada vez mais necessitamos de ter capacidade de fugir a essa realidade desagradável e de procurarmos escapar-lhe. Ora, esse é, sem dúvida, um dos papéis da literatura de que nos podemos aprender a servir desde crianças através das nossas leituras.

Considerando que a arte é uma das manifestações da intervenção do homem no seu ambiente e uma forma de articular o recente e o antigo – de modo a que os valores e os significados anteriores adquiram uma nova vida no presente e se desenvolvam como uma experiência nova – outro requisito importante será que os autores não hesitem em retomar temas já anteriormente tratados. Como refere Marie Louise von Franz nos seus estudos sobre contos tradicionais, alguns desses temas contêm mensagens simbólicas de que as crianças necessitam para evoluir. Trata-se de um meio de transmissão, que pode ou não ser consciente, de um saber tradicional. A importância de tais temas deriva do facto de eles apelarem às constantes não evolutivas existentes no ser humano. Escrever sobre um tema anteriormente conhecido não significa, evidentemente, copiar pois a originalidade reside no modo como o assunto é tratado. Saint-Exupéry, na conhecida obra *Le Petit Prince*, trabalhou um tema conhecido na tradição islâmica – o do encontro do príncipe e das estrelas – e, no entanto, a sua obra é considerada original e artística.

Por outro lado, os autores de histórias infantis devem ser espontâneos porque a criatividade pressupõe uma grande capacidade de ser genuíno e, ao contrário do que por vezes se pensa, as crianças sentem-se tanto mais atraídas por uma obra quanto mais artística ela é. Tal como afirma Catherine Sinclair, uma autora inglesa de livros para crianças, se os livros infantis degenerarem em meros catálogos de factos, o resultado será que, na próxima geração, não haverá poetas, nem oradores, nem homens espirituosos.

É já muito antiga a celeuma a propósito do aproveitamento da literatura infantil para fins pedagógicos ou lúdicos. Apesar

da sábia afirmação de Irene Lisboa: "A educação está nas mãos de todos nós", ao longo do tempo, a pedagogia tem sido vista das formas mais diversas. Com efeito, têm sido múltiplas as visões do Homem que têm influenciado a noção de educação.

Esta noção tem evoluído desde Sócrates, que considerava fundamental que o Homem se conhecesse a si mesmo, até à filosofia subjacente ao sistema educativo que hoje em dia seguimos, cujo horizonte de ideal determina que a educação não se dá mas se suscita de comum acordo e que se devem satisfazer os interesses dos educandos. Curiosamente, era já esta a ideia expressa pelo preceptor da Rainha Isabel I de Inglaterra, que, em 1570, afirmava que as crianças deviam ser atraídas e não forçadas a aprender. Claparède falava também daquilo que denominou "ensino apetecido".

A educação pode ser vista como uma ciência e como uma arte. Há, ainda, quem considere que educar é preparar para responder aos desafios imprevistos do mundo que nos rodeia; outros afirmam que o Homem é um ser susceptível de ser ensinado, que tem um núcleo unitário e que educar é respeitar as realidades não evolutivas, permanentes, que não são, afinal, passíveis de serem objecto de ensino de forma directa. Aqueles que assim pensam consideram que os sentimentos do ser humano não são evolutivos, sendo, por outro lado, o mundo que evolui. De acordo com esta perspectiva, justifica-se uma pedagogia fundamentalmente unitária à qual interessa o estudo do passado, que nos dá lições sobre aquilo que é inalterável no ser humano e sobre aquilo que nele é constante como o amor e o medo. É fácil adivinhar o papel que a literatura infantil poderá ter numa pedagogia deste tipo.

A tarefa dos pedagogos que pensam deste modo – e entre os quais me situo – seria tentar radicar os valores que o ser humano já tem em si para que ele possa naturalmente afirmar a sua personalidade. Estas ideias estão, aliás, subjacentes no artigo VII da Declaração dos Direitos da Criança, onde se lê: "Toda a

criança tem o direito de, sob protecção do estado, ser respeitada na sua personalidade espiritual, física e moral, gozando da liberdade de pensamento e de compreensão que necessária seja ao conhecimento de si própria e do mundo em que vive".

Ao contrário do que muitos afirmam, pode concluir-se que cada vez mais necessitamos da literatura infantil. Ela é fundamental no cultivo da imaginação e prepara o gosto pela literatura. Uma criança que gosta de ouvir os nossos contos tradicionais e, depois de ler os contos de Grimm, aprende a deliciar-se mais tarde com as histórias da mitologia clássica, preparando assim o caminho para os romances de cavalaria e para as tragédias. A apreciação da própria poesia depende, também ela, da familiaridade na infância com pequenos poemas simples. Até em relação ao estudo das literaturas estrangeiras, este é facilitado pelo conhecimento dos contos tradicionais que tantas vezes servem de tema a obras literárias. Assim, por exemplo, as figuras de Cordelia e das irmãs da tragédia de Shakespeare *King Lear* parecem familiares quando se conhece a história da Gata Borralheira. Do mesmo modo, a famosa história de *A Bela e o Monstro*, escrita no século XVIII por *Mme. Prince de Beaumont* e destinada a crianças, tem inspirado inúmeros romances, sobretudo ingleses e americanos, e até óperas e filmes – como o de Jean Cocteau – e, mais recentemente, uma série na televisão com o mesmo título.

Ora, sendo na literatura que estão registadas as experiências da humanidade, sendo, segundo João Maia, a literatura que nos aproxima do Homem eterno no que ele tem de melhor, é evidente que o conhecimento do passado é ainda mais importante em relação à literatura infantil que, como foi acima referido, tem uma função marcadamente formativa, tendo, por isso, um papel na pedagogia.

A apreciação da literatura em geral – e da literatura infantil de forma ainda mais nítida – tem sempre algo de subjectivo e de ambíguo, pois oscila muitas vezes entre dois objectivos bem

determinados, que são, com já foi referido, respectivamente distrair e instruir. Questionamo-nos, pois, se, através da leitura, se deve procurar dar prazer ou facultar ensino e informação. Como é do conhecimento geral, desde Horácio que este é um dos debates favoritos dos literatos. É evidente que, em relação a jovens leitores, a tentação é sempre muito forte de aproveitar o seu interesse pela leitura para lhes transmitir os conhecimentos de que tanto necessitam. Porém, mesmo sem querer, ou, hoje em dia, dever, transformar os livros infantis no tipo de obras designadas como "lições de coisas", como sucedeu no século XIX, a literatura infantil tem outra capacidade, que deve ser considerada, que é o seu poder de captar a atenção e de desenvolver a memória.

Com efeito, ao lerem nos seus tempos livres, as crianças aprendem a desenvolver um tipo de memória verbal tão negligenciada nos nossos tempos. Mesmo as desprezadas lenga lengas e cantilenas são exemplos importantes neste campo.

Se tivermos em linha de conta as afirmações do famoso crítico marxista Walter Benjamin: "A história abre, a partir do passado, os caminhos do presente" e as de E. M. Field, que, no seu livro *The Child and his Book*, escreve a propósito da época contemporânea: "The modern era, as we may call it, is at once too full and too familiar for profitable discussion", justifica-se que façamos algumas breves referências à evolução cronológica da literatura infantil.

Poderia começar-se por falar de obras didácticas e dos contos populares ou tradicionais da Idade Média que constituem um manancial riquíssimo onde se têm inspirado tantos escritores de literatura infantil. É indispensável fazer-lhes referência ao falar de obras destinadas a crianças, por ser um campo actualmente muito explorado pela semiótica e pela simbologia. São também de mencionar as fábulas e os bestiários, tanto mais que estudos recentes, feitos nos Estados Unidos, demonstraram que estes textos constituem um dos tipos de literatura de que

tem havido maior continuidade de publicação entre os livros infantis. A este propósito, merece referência o facto de grandes nomes da nossa literatura do século XX também o terem cultivado, tais como Aquilino Ribeiro com *O Romance da Raposa*, José Régio com *O Príncipe com Orelhas de Burro* e José Gomes Ferreira, autor de *Aventuras de João sem Medo*.

No século XVI, são de destacar entre a múltipla literatura pedagógica produzida na época, as obras que João de Barros destinou – como ele próprio diz – a "meninos e moços", como *Diálogo de Joam de Barros com Dous Filhos seus Sobre Preceptos Morais em Modo de Jogo*, *Cartinha* e *Diálogo da Viciosa Vergonha para Aprender a Ler*, que contém ilustrações curiosíssimas, que, decerto, ainda encantam qualquer criança e que podem agora ser mais conhecidas pois delas foram recentemente feitas edições facsimiladas pela Biblioteca Nacional.

Do mesmo modo, a leitura de romances de cavalaria, como *Amadis de Gaula* e *Palmeirim de Inglaterra* – ambos, aliás, já adaptados para crianças – além de as interessar e divertir, cumpriria uma missão pedagógica, pois dava-lhes a conhecer duas obras clássicas da literatura portuguesa que se podem considerar pioneiras, a nível europeu, do género literário a que pertencem.

São igualmente de referir os exemplários, também chamados "Histórias de Proveito e Exemplo". Destaco, entre tantos tão curiosos e plenos de interesse, um, do fim do século XV, intitulado *Os Quatro Ladrões*, por ter sido utilizado cinco séculos mais tarde por Eça de Queirós para o seu conhecido conto *O Tesouro*.

Ao verificar como os relatos de viagem, quer escritos quer filmados, atraem um público mais jovem, sendo esse público português decerto ficará entusiasmado com uma famosa obra do século XVI como *A Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Este exemplo modelar da literatura de viagens irá decerto

suscitar muitas conversas e trocas de informação entre pais e filhos e entre educadores e educandos.

Continuando a avançar no tempo, no século XVIII, encontramos, como seria de esperar na época, obras de pedagogia cristã. A este propósito, é de chamar a atenção para o facto de que, embora aos olhos de um leitor ou pedagogo do século XX, estas obras possam parecer pouco adequadas a serem lidas por crianças, a noção de infância e de prazer e entretenimento varia ao longo dos tempos. Assim, por exemplo, os livros escritos para crianças por escritores puritanos em Inglaterra no século XVII, que contêm referências aterradoras ao inferno e ao castigo dos pecadores, pretendiam, apesar disso dar prazer aos seus pequenos leitores, considerando que o maior prazer para eles seria fazerem a vontade de Deus e que não concebiam outra felicidade senão o prazer espiritual que lhes proporcionavam estas leituras a que se entregavam nas poucas horas livres de que dispunham.

Deste mesmo século, em Portugal, poderíamos escolher a adaptação cristã, feita pelo P.^e Manuel Bernardes, de um tema semelhante ao da lenda celta de Ossian, que relata a história de um homem, cuja longevidade é devida a ter estado muito tempo num país imaginário. Este conto, intitulado por Bernardes *O Monge e o Passarinho*, foi também aproveitado, em 1619, por Rodrigues Lobo em *A Corte na Aldeia*. No século XX, o tema foi ainda utilizado de forma primorosa por Afonso Lopes Vieira. Neste caso, como em tantos outros, poder-se-iam alargar ainda mais os horizontes, e referir, a título de comparação, a história de Washington Irving intitulada *Rip Van Winkle*, tão conhecida das crianças inglesas e americanas. Existe até um conto japonês igualmente inspirado no mesmo tema.

No século XVIII, época virada para o didacticismo na literatura, podemos destacar as *Fábulas*, escritas por Bocage especialmente para as crianças, cujos versos tão bem serviriam

de fundo sonoro a desenhos animados e que os pequenos leitores iriam assim até talvez memorizando.

Com o Romantismo, surge o interesse pela criança, que até então era considerada como um adulto em miniatura. Basta pensarmos nos encantadores e típicos desenhos que ilustram as famosas obras de Kate Greenaway para nos apercebermos que, até no modo de vestir, as crianças eram forçadas a imitar os homens e as mulheres da sua época.

No século XIX, inicia-se o entusiasmo pela literatura oral e tradicional, de que é exemplo a conhecida xácara *A Nau Catrineta* que todas as crianças deveriam saber de cor em Portugal. Foi também neste século que começaram a ser recolhidos e apreciados os contos populares. O estudo destes contos apenas se desenvolveu praticamente nos nossos dias. Verificou-se então que neles se encontram elementos profanos e sagrados relacionados com os ritos de iniciação. Assim, quando as jovens têm de beijar um animal repelente que, uma vez beijado, se transforma num príncipe encantador, isso corresponderia a uma prova de iniciação matrimonial. As provas a que os heróis dos contos tradicionais têm de se submeter, como matar um dragão, representam os obstáculos que os rapazes têm de ultrapassar para atingir o objectivo da passagem da adolescência à maturidade. Vários psicólogos, como Freud e Marie Louise von Franz, se têm dedicado ao estudo do significado dos contos maravilhosos. Devido à sua importância, riqueza e conteúdo, e à imediata atracção que exercem sobre as crianças, são também obviamente um campo a explorar, até do ponto de vista das ilustrações, tanto mais que entre nós existem os elementos exóticos da contística e da mitologia indígena, que influenciaram, e foram influenciadas por temas portugueses, como, por exemplo, as lendas chinesas de Macau, as fábulas macondes e o folclore quimbundo.

Por outro lado, este campo é também susceptível de ser explorado, tanto em relação aos textos como às ilustrações,

pois, tal como é corrente dizer-se, o mercado do livro infantil dos países de expressão oficial portuguesa poderia vir a ser uma boa solução para resolver a necessidade de maior amplitude de que enferma o aspecto comercial da nossa literatura para crianças.

Confirmando o que pensam certos estudiosos da literatura infantil, como Harvey Darton, que deu como subtítulo "cinco séculos de história social" à sua excelente obra *Children's Books in England*, a partir do século XIX a literatura destinada às crianças adquire maior importância a nível mundial e começa a deixar de ser considerada como literatura menor, passando a ser tratada como um tema da história da vida social. Começam também a surgir maiores preocupações com as crianças, especialmente com as mais pobres. A educação deixa de ser responsabilidade exclusiva dos pais e entra em declínio, pelo menos aparentemente, a educação familiar.

Surgem então escritores, e sobretudo escritoras, que se dedicam quase exclusivamente a escrever para crianças e em todos os géneros de literatura. Em Portugal, temos obras pedagógicas, como o método de iniciação à leitura, *O ABC do Povo* de Trindade Coelho, que contém desenhos maravilhosos da autoria do célebre Rafael Bordalo Pinheiro, que o ilustrou. Também João de Deus se empenhou em contribuir para que a leitura passasse a ser um prazer de que dispusessem todas as crianças, escrevendo, em 1876, a sua conhecida *Cartilha Maternal*, cujos versos ficam no ouvido de tal forma que, eventualmente, estas continuam a ouvi-los em adultos.

No século XX, a literatura infantil adquiriu maior importância, tanto em Portugal como no resto do mundo. São de referir as obras de Afonso Lopes Vieira, que deveriam ser familiares a todos os Portugueses por as terem ouvido em crianças. Lopes Vieira, numa atitude pedagógica, procurou tornar conhecidos da infância os grandes clássicos da nossa literatura, entre eles Gil Vicente, por exemplo com

a adaptação de *O Monólogo do Vaqueiro* que fez para a sua peça teatral para fantoches intitulada *O Autozinho da Barca do Inferno*.

Num ramo da literatura que se pode chamar de fantasia, destacam-se as obras de Rosa Silvestre, pseudónimo de Maria Lamas, e as de António Botto.

Nos nossos dias são inúmeros os autores e múltiplas as suas contribuições para a literatura infantil. Começa a haver melhoria na apresentação gráfica das obras, devido ao desenvolvimento dos meios técnicos. Diminui a exigência de um longo texto literário e este é, de certo modo, substituído, pelo menos em parte, pelos meios de comunicação social, como a rádio, o cinema e a televisão.

A criança, embora não deixe de ler, passa a ler de outra maneira. Para tal situação, contribui a banda desenhada com os seus "balões", por vezes sem texto e frequentemente preenchidos apenas com pontos de exclamação e interjeições, e que alguns responsabilizam pela falta de gosto pela leitura alegadamente demonstrado pelas crianças.

Porém, a banda desenhada não é tão recente como se afirma, as suas origens remontam aos desenhos rupestres feitos pelos homens primitivos nas grutas e às imagens desenhadas nos vasos gregos. Mesmo que não recuemos tão longe, os seus prenúncios encontram-se nos frescos, nos relevos dos capitéis das colunas e nos vitrais das igrejas da Idade Média. No caso particular de Portugal, podem acrescentar-se os azulejos e as tapeçarias de tradição árabe com que se poderiam familiarizar as crianças desde cedo, aproveitando o seu gosto pela banda desenhada e fazendo-as "ler", tal como lêem os álbuns de B. D.. Entre outros exemplos, poderiam utilizar-se a tapeçaria de Arzila, existente na Colegiada de Pastrana, feita sobre cartões de Nuno Gonçalves, que conta em pormenor a batalha de Arzila, ou a de Tânger ou ainda a que relata os feitos de D. João de Castro.

Perante uma tão grande riqueza da nossa literatura infantil, é inegável que ela pode contribuir para o alargamento cultural das crianças e que pode ser utilizada como um meio e como um fim para a educação pela arte. Há, no entanto, como sempre, quem faça críticas negativas à literatura infantil actual dizendo que, embora tenha havido melhoria de apresentação, há nela menor qualidade literária dos textos. Tem de se admitir que nem tudo o que interessava às crianças do século XIX entusiasma os pequenos leitores de hoje e que, em parte devido ao já referido desenvolvimento dos meios técnicos que permitem melhor qualidade de imagens, não se impõe a mesma exigência em relação ao facto de ser indispensável um longo texto literário. Tanto as crianças, como os pais e os educadores do nosso tempo, estão conscientes de que, em parte devido à influência dos meios de comunicação social e ao grande progresso das técnicas de impressão, houve uma mudança na maneira de "ler". Não se deixou, porém, de ler, como se pode concluir ao ver os livros que hoje são produzidos ou os filmes, álbuns de banda desenhada e programas de televisão destinados a crianças.

Relativamente à questão do cinema, verifica-se que a literatura infantil portuguesa, tal como as estrangeiras, trata de temas que, em princípio, poderiam facilmente servir de base a filmes destinados a crianças, tanto de diversão como quando utilizados com fins pedagógicos. É inegável também que o cinema, embora se possa considerar como forma de arte e como meio de cultura, pode também ser extremamente útil quando formativo e didáctico e que a nossa literatura para crianças pode inspirar excelentes filmes. Há mesmo certos pontos de ligação entre ambas estas formas de arte, pois, tal como a literatura infantil, também esse grande meio de comunicação de massas que é o cinema, começou justamente por contar histórias e nas suas origens estão afinal as sombras chinesas, a lanterna mágica e o teatro óptico, que são verdadeiros precursores do desenho animado tão do agrado das nossas crianças. Por outro lado,

alguns dos primeiros filmes produzidos para jovens espectadores foram inspirados em romances de Júlio Verne, como *Viagem à Lua* e *O Túnel sob a Mancha* e também sobre obras como *As Viagens de Gulliver* e *O Barão de Münschausen*, que, embora inicialmente escritas para adultos, foram depois "anexadas" pelas crianças.

Visto que na literatura para a infância se encontram temas susceptíveis de serem aproveitados para o cinema, que as teorias que nos estudos literários pretendiam quebrar com a tradição estão ultrapassadas e já que hoje em dia se aceita que a própria literatura está em permanente relação com o passado, pode recuar-se no tempo em relação aos temas literários a aproveitar. Sendo assim, pode concluir-se que, da Idade Média, os contos populares e tradicionais se prestariam sem dúvida a adaptações fílmicas; que do século XVI, além dos relatos de viagens a países exóticos, entre a literatura pedagógica, poderiam ser escolhidas as acima referidas obras de João de Barros, que, deste modo, passariam a ser mais conhecidas; e que os romances de cavalaria são susceptíveis de serem utilizados como fonte inspiradora de enredos para filmes de aventuras. As fábulas dos séculos XVII e XVIII, que tão bem se prestam a serem tratadas em cinema de animação, poderiam igualmente ser aproveitadas. Do século XX, várias obras de Rosa Silvestre e de António Botto são susceptíveis de aproveitamento para temas de filmes, à semelhança do que fez Paulo Guilherme com a *História de Iraçam e Iracema* da autoria de seu pai, Olavo d'Eça Leal.

Qualquer dos filmes que estas narrativas eventualmente viessem a inspirar, além de divertir, cumpriria também uma missão pedagógica, pois dava a conhecer aos jovens espectadores obras clássicas da literatura portuguesa. Os filmes, de que se poderiam apresentar duas ou mais versões da mesma história, filmadas em épocas diferentes, poderiam mesmo ser exportados para as universidades estrangeiras onde há leitores

e departamentos de Estudos Portugueses atingindo assim um público mais alargado.

Ao comparar as obras do passado, que poderiam ser conhecidas do grande público através de versões filmadas, com as produções mais recentes, ter-se-ia, no entanto, decerto de concluir que foi, indubitavelmente, no século XX que a literatura infantil adquiriu a sua dimensão própria, visto que foi apenas então que se descobriu, na sua totalidade, o universo inexplorado da infância. Com efeito, parece evidente que também os filmes que se debruçassem, e eventualmente se produzissem, sobre obras destinadas a crianças e a jovens viriam comprovar que, na verdade, foi apenas nos nossos dias que os livros infantis atingiram qualidade e importância e que os factos narrados nos seus argumentos por vezes plenos de acção são, em geral, verificados em todos os seus pormenores. Foi também no nosso tempo que se acentuou a diferença nítida entre o livro infantil e o livro destinado a adultos e ainda entre os livros para raparigas, com enredos geralmente com mais fantasia e romanesco, e os livros para rapazes preenchidos com aventuras violentas.

O cinema poderá também ter a vantagem de trazer até às crianças dos nossos dias justamente as obras que há muito se encontram esgotadas e não lhes são facilmente acessíveis. Utilizar o filme seria também importante por contribuir para tornar conhecido o facto de que grandes nomes literários, como Eça de Queirós, Trindade Coelho, Antero de Quental, Alves Redol, Aquilino Ribeiro e António Sérgio, escreveram obras destinadas aos leitores mais jovens, o que contraria a tendência, por vezes generalizada, de se afirmar que a literatura para a infância é constituída por obras sem valor literário. O recurso aos filmes contribuiria, de igual modo, para familiarizar as crianças com artistas plásticos famosos já desaparecidos, como Raul Lino, Eduardo Malta e Almada Negreiros, para as obras que lhes foram destinadas.

Tendo em consideração o valor dessas contribuições, dar-se-ia assim às crianças portuguesas a noção de que a literatura infantil não surgiu apenas nos nossos dias mas que, como em qualquer outro campo literário, há nela continuidade e evolução.